
**Dossiê: Micro-história e saberes situados: colonialidade do poder
e translocalidade**

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2025.v31.48446>

**Micro-história socioespacial*:
práticas, saberes e territórios no debate historiográfico italiano**

*Socio-Spatial Microhistory:
Practices, Knowledge and Territories in the Italian Historiographical Debate*

*Microhistoria socioespacial:
prácticas, saberes y los territorios en el debate historiográfico italiano*

*Maíra Ines Vendrame***

<https://orcid.org/0000-0001-5658-076X>

RESUMO: Este artigo analisa como a dimensão socioespacial foi incorporada nas pesquisas publicadas na revista italiana *Quaderni Storici*, entre a década de 1970 até 2000. A partir de um diálogo interdisciplinar entre história, geografia, antropologia e ecologia, destaca-se a contribuição de Edoardo Grendi para a formulação de uma nova história local, baseada na microanálise e na leitura topográfica das fontes. O artigo demonstra como os territórios foram concebidos como construções sociais em constante disputa, legitimados por meio de práticas, saberes e registros documentais. Com base na experiência da revista e do *Seminario Permanente di Storia Locale*, o artigo aponta para a consolidação de uma proposta metodológica que alia microanálise, topografia e produção do espaço como forma de compreender as dinâmicas territoriais em contextos históricos diversos.

Palavras-chave: Micro-história. História local. Dimensão Espacial. Território. *Quaderni Storici*.

* Projeto financiado por meio de Projeto Universal CNPq.

** Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora e professora do Curso de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Doutora em História pela PUCRS. Pesquisadora Produtividade do CNPq - Nível 2 (2022/actual). Tem experiência no ensino na área de História, desenvolvendo pesquisas principalmente nos seguintes temas: história da imigração e colonização no Brasil Império e República, redes sociais e estratégias migratórias, história social do crime e da justiça, honra, violência, punição, mulheres, família, loucura, gênero, universo camponês, processos de racialização, conflitos étnico-raciais. No campo da História Social, se dedica aos estudos de trajetória, a metodologia da Micro-história e da História Conectada em perspectiva Global, da História Local e Pública. vricamaira@yahoo.com.br

ABSTRACT: This article analyzes how the socio-spatial dimension was incorporated into the research published in the Italian journal *Quaderni Storici*, from the 1970s to 2000. Through an interdisciplinary dialogue between history, geography, anthropology, and ecology, it highlights Edoardo Grendi's contribution to the formulation of a new local history approach, based on microanalysis and topographical reading of sources. The article demonstrates how territories were conceived as social constructs in constant dispute, legitimized through practices, knowledge, and documentary records. Drawing on the experience of the journal and the *Seminario Permanente di Storia Locale*, the paper points to the consolidation of a methodological approach that combines microanalysis, topography, and the production of space to understand territorial dynamics in diverse historical contexts.

Keywords: Microhistory. Local history. Spatial dimension. Territory. *Quaderni Storici*.

RESUMEN: Este artículo analiza cómo la dimensión socioespacial fue incorporada en las investigaciones publicadas en la revista italiana *Quaderni Storici*, desde la década de 1970 hasta el año 2000. A partir de un diálogo interdisciplinario entre historia, geografía, antropología y ecología, se destaca la contribución de Edoardo Grendi para la formulación de una nueva historia local, basada en el análisis microhistórico y la lectura topográfica de las fuentes. El artículo muestra cómo los territorios fueron concebidos como construcciones sociales en disputa permanente, legitimadas mediante prácticas, saberes y registros documentales. Basado en la experiencia de la revista y del *Seminario Permanente di Storia Locale*, el texto señala la consolidación de una propuesta metodológica que une microanálisis, topografía y producción del espacio como forma de comprender las dinámicas territoriales en contextos históricos diversos.

Palabras clave: Microhistoria. Historia local. Dimensión espacial. Territorio. *Quaderni Storici*.

Como citar este artigo:

Vendrame, Maíra Ines. “Micro-história socioespacial: práticas, saberes e territórios no debate historiográfico italiano”. *Locus: Revista de História*, 31, n. 1 (2025): 60-81.

Introdução

Na década de 1970, momento em que um grupo de historiadores italianos propuseram uma maneira de tratar as fontes e abordar certos temas através de um olhar aproximado, a preocupação com a dimensão concreta dos contextos analisados ganhou destaque nas pesquisas. Foi fundada na Itália a revista *Quaderni Storici*, espaço de discussão e divulgação dos estudos que defendiam a utilização da perspectiva microanalítica para a construção de uma nova história social. Essa atenção às ações individuais e de grupos opunha-se às narrativas históricas assentadas em abordagens

ampas e externas, que conferiam destaque para os fatores gerais de determinados movimentos, como aquele das migrações de curta e longa distância.

O diálogo com outras disciplinas das ciências sociais, humanas e da natureza foi fundamental para o desenvolvimento dos estudos que defendiam a adoção da perspectiva micro. Nesse sentido, a compreensão das escolhas individuais e coletivas, práticas e relações interpessoais na sua dimensão territorial, é algo que passa a ser considerado, graças à interlocução com a geografia, etnografia e arqueologia. O diálogo interdisciplinar auxiliou a pensar a ocupação dos espaços, as diferentes formas de vida e organização comunitária, bem como a relação com os recursos ambientais, sua gestão e uso. Essa aproximação com outras ciências se tornou fundamental para ampliação das fontes que poderiam ser utilizadas nas pesquisas. Além das escritas, objetos, costumes e práticas passaram a ganhar atenção, pois compunham a cultura material e poderiam ser identificados através da observação direta em determinadas áreas. E, conforme se verá no presente artigo, a atenção para a dimensão espacial local, para a leitura das fontes e compreensão de outras problemáticas, irá ganhar força nos debates da *Quaderni Storici* com historiadores vinculados à micro-história italiana, especialmente a partir da década de 1990.

***Quaderni Storici:* interdisciplinaridade e microanálise histórico geográfica**

Num dos primeiros números da referida revista, dedicado ao tema *Archeologia e geografia del popolamento*, organizada por Diego Moreno e o geógrafo Massimo Quaini (1973), a atenção foi dada para os “povoados abandonados”, suas formas de habitar e trabalhar em realidades rurais. O número reuniu contribuições de historiadores, geógrafos e arqueólogos, marcando, assim, a importância do diálogo interdisciplinar para ampliação do número de fontes, temas e metodologias. A defesa da elaboração de história social do povoamento rural vinha da aproximação do estudo da cultura material e das realidades sociais que marcavam o universo camponês. O número buscava também, além de trazer para o debate problemáticas originais, superar uma visão distorcida dos grupos sociais através da compreensão das “expressões materiais do trabalho”, que geralmente apareciam ocultadas nas fontes escritas (Quaini e Moreno 1973, 690).

No artigo intitulado *Geografia storica o storia sociale del popolamento?*, o geógrafo Massimo Quaini (1973) marca o momento de encontro entre debates que eram realizados no campo da história e da geografia na Itália, destacando a importância do diálogo para a ecologia histórica. Foi um dos defensores da utilização de uma microanálise geográfica-histórica no interior da geografia, contribuindo para as discussões sobre escala e análise topográfica na reconstrução das práticas e

saberes locais ligadas à gestão dos recursos ambientais.¹ Ao lado de Edoardo Grendi e Diego Moreno, Quaini irá contribuir para o desenvolvimento da microanálise social atenta para a dimensão espacial de leitura das fontes, escritas e não escritas, e a elaboração de uma nova proposta de história local.

Entre os anos de 1973 a 1982, foram publicados três fascículos monográficos onde ocorria o diálogo entre ecologia histórica e a arqueologia dos recursos ambientais, ganhando atenção as análises da dimensão territorial. Além do número mencionado acima, outros dois foram organizados por Diego Moreno e o geógrafo Massimo Quaini. Ambos os pesquisadores abrem um volume da *Quaderni Storici*, de 1976, dedicado ao tema da *Storia da Cultura Material*. Posteriormente, apresentam o número intitulado *Boschi: storia e arqueologia* (1982). Nesta edição, Moreno confere atenção para temas que iriam ganhar destaque em suas pesquisas, que são os saberes e práticas ligadas ao gerenciamento dos recursos naturais em espaços localizados. Excluindo qualquer determinismo, utiliza uma abordagem articulada através da aproximação entre história, ecologia e arqueologia florestal para pensar fontes, métodos e temas de pesquisa.

A importância do alargamento das fronteiras disciplinares, das pesquisas em diferentes tipologias de fontes e entendimento do seu contexto de produção, acompanhou os debates entre micro historiadores e geógrafos, especialmente através do grupo que se formou em torno de Edoardo Grendi. O interesse pelo tema dos recursos ambientais, usos e saberes, através do diálogo entre ecologia histórica e arqueologia dos mecanismos de gestão das florestas, ganhou desdobramentos através dos debates entre a microanálise e a história local, principalmente na década de 1990.² As trocas de conhecimentos interdisciplinares propiciará o avanço no debate sobre a relação das fontes e as possibilidades de leitura delas através de uma perspectiva topográfica. Surgem novos entendimentos de problemáticas ligadas aos espaços locais e aos sistemas sociais e políticos territoriais, sem, portanto, ficar apenas restritos a saberes situados.

A microanálise socioespacial

O funcionamento das sociedades rurais e a conformação dos lugares através de diferentes iniciativas, como a organização política local e os sistemas de gestão dos recursos naturais e agrários, ganhará atenção através do diálogo interdisciplinar com outras áreas, em especial com a antropologia social de Manchester. Essa aparece fortemente nas reflexões iniciais de Edoardo Grendi, quem primeiro utilizou o termo microanálise e que, posteriormente, passará a se chamar

¹ Para um aprofundamento sobre as contribuições de Massimo Quaini, ver: Cevasco e Moreno (2021).

² Destacam-se aqui os estudos de Diego Moreno (2018) reunidos no livro “Do documento ao terreno”, que centra na análise das práticas ligadas à gestão das florestas e usos dos recursos ambientais através de uma perspectiva microanalítica geográfica e histórica, que considera ações das pessoas e sua cultura.

micro-história. O referido historiador foi quem trouxe a obra de Edward Thompson para o debate historiográfico italiano³, influenciando fortemente o desenvolvimento de análises que buscavam recriar as experiências vividas, os modos de pensar das pessoas, mas sem abandonar a base material, como os objetos que faziam parte da realidade concreta delas. Para compreensão da vida social das “coisas” era necessário considerar os significados e influências locais que assumiam, em sua relação com as dimensões materiais, como a paisagem.⁴

A não separação entre o social e o material do cultural, bem como a opção em reconstruir contextos relevantes e interconectados a partir de observação profunda de situações vivenciadas em realidades concretas, são aspectos que ganharam atenção na proposta de microanálise glandiana.⁵ A interlocução com a antropologia social inglesa se tornou intensa nas primeiras três décadas de funcionamento da *Quaderni Storici*. Foi essencial para fomentar as discussões sobre uma nova proposta de história local e a busca pela compreensão das lógicas internas de funcionamento das sociedades rurais e urbanas a partir de uma perspectiva topográfica, que será discutida posteriormente no presente artigo.

Comunidade, família, universo camponês, sistemas políticos locais, vínculos interpessoais, parentela e formas de organização social na sua relação com a dimensão espacial concreta são temas tratados nas pesquisas de Edoardo Grendi e Giovanni Levi, dois dos principais expoentes da micro-história italiana. Em 1976, o primeiro apresentou o número monográfico da *Quaderni Storici* intitulado *Famiglia e comunità*. E, no início da década de 1980, Levi (1981) coordenou o número *Villaggi: Studi di antropologia storica*. A ideia de estudar o universo relacional e o funcionamento das estruturas de poder local na sua conexão com o mundo externo aproximavam as propostas dos dois números monográficos mencionados. Para Grendi e Levi, a escolha pela dimensão comunitária e familiar tornava possível perceber concretamente o movimento das pessoas, a maneira como reagiam frente às regras e normas sociais, identificar como os mecanismos de poder eram acionados e o papel das redes interpessoais. Assim, defendiam que as formas de solidariedade não deviam ser percebidas como esferas isoladas, mas como lugares de contato e trocas, possibilitando perceber os vínculos sociais e lançar explicações sobre o funcionamento de toda uma sociedade.

³ Edoardo Grendi realizou a apresentação do livro de Edward Thompson (1981), intitulado *Società patrizia, cultura plebea. Otto saggi di antropologia storica sull'Inghilterra del Settecento*.

⁴ Para atenção conferida por Edoardo Grendi à cultura material, bem como a necessidade de diálogo interdisciplinar da história com áreas que se dedicavam ao estudo do terreno a fim de compreender os sentidos das diferentes práticas sociais, ver: Chris Wickham (2002).

⁵ Em relação à influência da obra de Edward Thompson nas pesquisas de Edoardo Grendi e no desenvolvimento da micro-história na Itália, ver: Henrique Espada de Lima (2004; 2006).

Os contextos históricos deviam ser reconstruídos através de uma análise localizada das interações e dos comportamentos, não surgindo, portanto, como um reflexo de uma realidade mais ampla e um todo coerente. No número *Villagi: Storia di una antropologia storica – Quaderni Storici*, Edoardo Grendi (1981), no artigo *Il sistema politico de um comunità ligure*, reconstrói de maneira etnográfica a “solidariedade conflitual” entre grupos de famílias que compõem a estrutura de poder local, marcada por conflitos e alianças. O mesmo autor, anteriormente, no texto intitulado *Microanalisi e storia sociale*, propôs a constituição de uma nova história social através da perspectiva microanalítica (Grendi 1977). Conferia também destaque para os documentos excepcionais nas investigações históricas, pois defendia que registros pouco comuns eram reveladores de práticas e valores extraordinariamente normais. Nessa nova proposta de pesquisa histórica, Grendi ressaltava a importância de compreender como indivíduos e grupos se comportavam em diferentes dimensões, na concreta e imaginada, se colocando, desse modo, como um defensor da história enquanto prática. Assim, a reconstrução dos aspectos culturais que marcavam uma realidade devia ocorrer através da análise das ações e interações reais. Todas as formas de manifestações, como os rituais e as disputas, deviam, portanto, serem estudadas numa escala local/topográfica. Para além da análise localizada, chamava atenção para a consciência social que existia em relação ao espaço, como era percebido e que novas problemáticas podiam ser levantadas a partir da análise das fontes considerando sua dimensão espacial/concreta.

A atenção para os documentos excepcionais e a utilização do método onomástico na condução das pesquisas em diferentes fontes primárias, são defendidos como recursos metodológicos que deviam ser considerados nas investigações micro analíticas, conforme defesa de Edoardo Grendi (1977), Carlo Ginzburg e Carlo Poni (1979). Período de gestação do que viria a se tornar a micro-história italiana, a década de 1970 foi momento essencial para o desenvolvimento de diálogo interdisciplinar com outras ciências, atentando para as maneiras de viver, se relacionar, pensar e produzir lugares a partir de ações, práticas e saberes. A *Quaderni Storici* se tornou o laboratório através do qual a perspectiva microanalítica nasceu e se desenvolveu.

Na década de 1980, cresceu significativamente a diversidade de temas que passaram a ser abordados na referida revista, bem como estudos que, através de uma abordagem antropológica, analisavam a organização familiar, política, econômica e social de uma comunidade ou vale, sem excluir a sua relação às instituições do Estado.⁶ Um exemplo disso são os estudos ligados ao campo

⁶ Nesse sentido, na década de 1980, destaca-se a publicação de pesquisas microanalíticas que se centravam em comunidades específicas. São elas: *Centro e Periferia*, de Giovanni Levi (1985); *Terra e Telai*, de Franco Ramella (1984) e *Faide e Parentele*, de Osvaldo Raggio (1990). Porém, é preciso mencionar também o livro de Maurizio Gribaudi (1987), *Mondo Operario e Mito Operario*, que não foi publicado na referida coleção. Esse último conferia atenção para a relação entre interdependências, vínculos e espaço social.

da história das mulheres e gênero,⁷ da família e gestão do patrimônio⁸ e do mundo do trabalho⁹. Ganhou espaço as discussões sobre a utilização das fontes criminais para desenvolvimento da história social (Grendi 1987), atenta aos usos sociais dos registros documentais e as diferentes concepções de justiça. A compreensão dos contextos de produção das fontes possibilitou repensar conhecimentos dominantes existentes e abordar novas problemáticas ligadas ao caráter reivindicativo dos documentos, que irá ganhar espaço nos debates a partir da década de 1990. A constituição da prova e natureza reivindicativa era um debate que ia além das informações presente nas fontes, pois essas não eram tratadas como simples reflexo de determinadas situações. A utilização de mecanismos para modificar a realidade social é algo que passa a ser problematizado através da utilização dos processos judiciais e criminais. Mais que tratar das conflitualidades e disputas locais que tais fontes indicavam, a atenção se voltou para os contextos de produção dos registros, o quanto ações e práticas informavam sobre intenções e prerrogativas (Raggio 1996).

Como mencionado anteriormente, na década de 1980 houve uma ampliação dos temas de pesquisas que passaram a ser divulgados na *Quaderni Storici*, bem como um crescente interesse pelas fontes criminais. Para além do desenvolvimento de uma história do crime e da violência em si, o que buscavam era tratar de temas não tão evidentes na referida documentação.¹⁰ Indicando para os diferentes modos de utilização dos registros criminais, Edoardo Grendi (1987) apresenta um número da *Quaderni Storici* dedicado às *Fonti criminali e storia sociale*. A atenção recaí sobre a análise qualitativa de casos para a compreensão de tradições diversas, relação entre regras informais e formais, entre comunidade e Estado através da organização da justiça criminal num determinado território. Nesse sentido, Grendi reforçava a ideia de que não eram os crimes em si que deviam ganhar atenção nas análises, mas o que era possível apreender através deles, como, no caso, as expressões diretas das experiências cotidianas vividas pelas pessoas, os modos perceber, refletir e agir na realidade concreta das interações na família, vizinhança e comunidade. E, mais que atentar para o funcionamento das instâncias de poder local, apontava para a necessidade de avaliar como se davam as relações com as autoridades civis externas (Grendi 1980, 580). Portanto, considerava ser fundamental que os documentos criminais fossem utilizados de forma integrativa e complementar a outros registros para que o seu valor múltiplo pudesse ser considerado, o que

⁷ Ver: *Quaderni Storici*, Parto e maternità: momenti della biografia femminile 15, n. 44, 1980; *Quaderni Storici*, Sistemi di carità: sposti e internati nella società di antico regime (1983a). Para um balanço dos estudos de história das mulheres e micro-história na Itália, ver: Ida Fazio (2017).

⁸ Conferir: *Quaderni Storici*, Famiglie e patrimoni (1988).

⁹ Sobre o mundo do trabalho, destacam-se as contribuições de um dos fundadores da micro-história, Carlo Poni nos seguintes números da revista: *Quaderni Storici*, Culture del lavoro (1981); *Quaderni Storici*, Protoindustria (1983); *Quaderni Storici*, L'importanza della seta (1990).

¹⁰ O interesse pelas fontes criminais pode ser constatado nos números 44 (1980), 46, (1981) e 49 (1982) da *Quaderni Storici*.

permitiria perceber o funcionamento das redes interpessoais em diferentes âmbitos da vida local e na interação com realidades externas.

Considerar a dimensão espacial das esferas agregativas, das estruturas sociais, interações diversas e vínculos na conformação das vizinhanças e comunidades, é algo que ganha destaque na proposta micro analítica de Edoardo Grendi (1977). Soma-se a isso a atenção para a compreensão do funcionamento dos sistemas políticos locais, através do desempenho de lideranças e associações com fortes bases territoriais, sem deixar de considerar a relação com as instituições públicas e sociedade externa (Grendi 1981). A esfera local é entendida como um cenário preferencial da análise dos comportamentos e práticas, mas igualmente como um produto dinâmico, marcado pelo constante movimento das ações, interações e percepções. Nesse sentido, na proposta de nova história social grediana, ganha atenção a perspectiva microanalítica e as implicações entre a morfologia social e o espaço físico, bem como uma consciência das pessoas estudadas em relação às prerrogativas e regras em determinados territórios (Grendi 1977; 1980).

A relação entre as diferentes esferas agregativas locais — família, parentela, vizinhança e comunidade — e instâncias de poder externas no estabelecimento dos limites fronteiriços e diretos, são tratados no artigo *La pratica dei confini: Moglia contro Sassel*, 1715-1745 (Grendi 1986). Os conflitos entre duas comunidades e a conexão com os poderes externos aparecem ligados no universo das práticas que garantem prerrogativas sobre o território, suas fronteiras e recursos produtivos. A morfologia da povoação e a distribuição de poderes locais por meio dos títulos possessórios, aponta para capacidade diversa de cada lugar de ação a proteção externa. O estudo das fontes judiciais, petições, mapas e explicações conferidas pelos envolvidos nas disputas entre diferentes agregados familiares nos povoados, e entre esses, possibilitou refletir sobre a capacidade/agência das pessoas em garantir direitos territoriais e compreensão do espaço enquanto esfera que precisa ser defendida — e legitimada — por meio de comportamentos, usos, normas e costumes. Essas são ideias apresentadas por Grendi (1986), em número da *Quaderni Storici* que aborda a temática dos *Conflitti locali e idiomì politici*.

O diálogo com a antropologia social e política se torna fundamental para um entendimento não dualista entre comunidade e Estado, periferia e centro, mas integrada, conectada e interdependente. Para a constituição do poder territorial, a interação entre a sociedade local e as instituições estatais é fundamental, bem como a instituição de rituais, formas de agir, controles e maneiras de ocupar o espaço. Na revista acima mencionada, destacam-se as possibilidades de leitura das fontes judiciais, civis e criminais para compreensão dos usos que as pessoas faziam dos recursos oficiais para mediação e pacificação dos conflitos, como também aprovação de prerrogativas locais por parte dos poderes externos (Quaderni Storici 1986).

A comunidade é entendida, portanto, como resultado de contínuas interações, ações e práticas sociais. E as esferas judiciais são acionadas como aliadas na legitimação de atos e de um tipo de organização local, onde os conflitos e divisões são contínuos. Princípio de estruturação das relações entre pessoas e grupos, a parentela não fica isenta de disputas e tensões internas, sendo sua força e coesão reforçada através dos mecanismos de contenção das divisões e mediação, algo que pode contar com a intervenção das autoridades públicas para restaurar os equilíbrios rompidos.¹¹ Desse modo, o número da *Quaderni Storici*, dedicado ao tema dos *Conflitti locali e idiomai politici*, mais do que indicar para a potencialidade de uso das fontes judiciais e criminais no estudo das formas de organização social e nas dinâmicas de poder local, sinaliza para novas problemáticas e perspectivas de investigações.

O espaço das comunidades e seus limites/fronteiras passaram a ser pensados como produtos de fenômenos socioculturais, analisados através das práticas e disputas entre famílias, grupos e instituições. A constituição das esferas agregativas e a relação entre as diferentes instâncias (Estado, comunidade, família e parentela), somada às interações e comportamentos, permitiram atentar para a compreensão dos processos de constituição social das realidades locais. Logo, os limites entre a realização de uma microanálise social e outra cultural aparecem de forma muito porosa nos estudos dos micros historiadores, sendo difícil identificar uma separação, mesmo com a diversificação das temáticas. Isso se explica pela adoção da perspectiva microanalítica, que antes de conferir preferência *a priori* por um ou outro aspecto, busca captar os sentidos conferidos às escolhas na realidade concreta, em sua complexidade e interconexão. As discussões sobre o tema da produção da localidade e a atenção dada à dimensão espacial na leitura das fontes são pontos que serão aprofundados nos novos números da *Quaderni Storici* nas décadas de 1990 e 2000. Na sequência do presente texto, será apresentado o processo que levou à intensificação do uso do conceito de espaço/território dentro das pesquisas micro analíticas.

História local e abordagem topográfica

A dimensão local — o povoado e a localidade — já era esfera de análise nas abordagens micro analíticas, mas ganharia nova atenção nos estudos. Enquanto âmbito socioespacial concreto, o lugar passou a ser um elemento a ser considerado na leitura das fontes, fossem escritas ou não, como um produto das ações e práticas em constante mudança, não apenas um palco das interações sociais, desempenhos e saberes. Nesse sentido, a adoção da perspectiva topográfica passa a ser defendida como um caminho de investigação que permitia fazer a leitura dos acontecimentos locais

¹¹ Conferir os artigos de Renata Ago, Angelo Torre e Osvaldo Raggio da *Quaderni storici* (1986).

não como reflexos de eventos amplos e externos, mas sim como algo que permitia refletir sobre a relação “gênese das fontes” e ações que visavam garantir domínio territorial. Tal abordagem consistia numa maneira de ler as fontes que apontava para uma multiplicidade de aspectos e possibilidades de interpretações, não apenas do conteúdo, como também dos sentidos que assumiam localmente para as pessoas. Ela propiciava perceber como se dava a apropriação de recursos materiais e simbólicos em determinados espaços, bem como a legitimação contínua de prerrogativas políticas e econômicas (Grendi 1986).

Na análise documental, a opção pela escala local/topográfica permitia tratar de maneira complexa e inovadora a relação entre os universos locais e os diferentes poderes presentes nas comunidades. Garantia compreender a pluralidade das formas de domínio e os modos de julgar as tensões, bem como a existência de rationalidades diversas de justiça e o diálogo entre as instituições formais e informais de poder presentes no território (Grendi 1986a). O acesso ao universo cultural, através da análise das ações e práticas na escala local/topográfica, é uma das ideias defendidas na microanálise glandiana.¹² Assim, dos estudos que conferiam atenção para a comunidade, as redes de relações familiares e parentais e as estruturas de poder territoriais, consideração à mediação com o mundo externo, passa a ganhar atenção os processos implicados na produção das localidades, através do estudo de ações e práticas de natureza variada.

A proposta de realização de uma nova história local, com a utilização de uma abordagem topográfica, que enfatiza às possibilidades de leituras das fontes por meio do diálogo com outras disciplinas e compreensão da relação entre diferentes âmbitos — social, cultural, política, simbólica, material e geográfica — ganhará espaço na década de 1990. Esse, portanto, será um período marcado pelo desenvolvimento de estudos que passaram a pensar a localidade e a dimensão espacial como algo que precisa ser entendido como fruto de ações e compreensões dos sujeitos.¹³ Edoardo Grendi (1993) propôs uma nova maneira de fazer história local, que se opunha ao que considerava ser “modelo frágil” até então realizado na Itália. O interesse pelo diálogo com disciplinas que estudavam o território ganhou cada vez mais importância, fazendo com o que os debates sobre a leitura das fontes escritas e as não escritas se ampliasse, especialmente devido ao entendimento dos procedimentos analíticos de outras áreas do conhecimento.

O interesse pela abordagem topográfica no estudo da história local se desenvolveu através da interlocução de Grendi (1995) com a *English Local History*, bem como as críticas a não atenção

¹² Para maior compreensão do debate sobre a relação entre o social e o cultural entre os historiadores que adotam a perspectiva da micro-história, ver; Simona Cerutti (2021).

¹³ Sobre atenção dos historiadores italianos que adotavam o método da micro-história em relação aos estudos sobre comunidades e localidades, ver: Angelo Torre (2023, 157-158).

conferida para contextualização espacial das fontes e objetos de pesquisa. Nesse sentido, atacou as tradições historiográficas que reduziam aquela ao estudo da pátria através de um método “colecionístico e classificatório”.¹⁴ A atenção para a produção do local, enquanto uma problemática de pesquisa, assume, nesse sentido, um aspecto fundamental na abordagem topográfica glandiana. Em 1989, com a criação do *Seminario Permanente di Storia Locale*, organizado Edoardo Grendi, Diego Moreno e Osvaldo Raggio, no Departamento de História Moderna e Contemporânea da Universidade de Gênova, as discussões sobre os métodos e fontes para o desenvolvimento de estudos locais se intensificaram. Assim, além da *Quaderni Storici*, o seminário se tornou um espaço preferencial de discussões metodológicas e teóricas sobre procedimentos e técnicas de tratamento das fontes em escala topográfica. Os debates sobre os contextos de produção e usos dos documentos ganharam destaque, bem como a constituição de um “paradigma sólido”, que considerasse a integração entre sociedade e espaço para a compreensão da história local, não como o reflexo de processos maiores, mas sim de realidades localizadas que precisavam ser acessadas e entendidas localmente.

A comunidade, enquanto sistema político, se constituía e se encontrava fortemente articulada ao âmbito topográfico, segundo a perspectiva glandiana. A ideia de que o território possuía uma historicidade, que, por sua vez, precisa ser reconstruída através das relações interpessoais, das esferas agregativas e políticos, ações e práticas, surge como fundamental na constituição de um modelo analítico forte de história local. A proposta micro analítica topográfica propiciava um uso mais rico e não inocente das fontes, permitindo, assim, identificar uma multiplicidade de sentidos e novas problemáticas de pesquisa dentro de espaços sociais concretos e circunscritos. Porém, apesar de atentar para o local, a generalização e a relação com dimensões mais amplas não deviam ser ignoradas.¹⁵

O entendimento de que as pesquisas deveriam refletir sobre a natureza da documentação histórica se tornou fundamental depois das primeiras duas décadas de nascimento da microanálise. Somado a isso, também ocorria um deslocamento da atenção dos indivíduos para as ações, e vice-versa. Na década de 1990, no interior da *Quaderni Storici*, intensificaram-se as reflexões sobre o uso das fontes, sua natureza e contexto de produção. Porém, foi o momento em que o núcleo central de micro historiadores se dividiu. Esses seguiram outros caminhos e carreiras internacionais, como foi o caso de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, e alguns de seus ex-alunos. Porém, Edoardo Grendi

¹⁴ Edoardo Grendi (1996) dedica um livro ao tema da história local, onde analisa as tradições historiográficas na Itália, especialmente na Ligúria.

¹⁵ Sobre a experiência dos primeiros dez anos do *Seminario permanente di Storia Locale* e a proposta metodológica de constituição de um paradigma forte de pesquisa em história local, ver: Tigrino (2013).

permaneceu na Itália intensificando as discussões sobre história local, com abordagem topográfica e construindo a “gênese da fonte” e seus aspectos reivindicativos. Dentre os artigos da *Quaderni Storici* desse período, destacam-se: *Storia di una storia locale*; *Charles Phytian Adan e la ‘Local History’ inglese*, ambos de Edoardo Grendi (1993, 1995); *Costruzione delle fonti e prova* (Raggio 1996) e *Norme e pratiche* (Raggio 1995) e *Percorssi della pratica 1966-1995*, de Angelo Torre (1995).

Em 1995, era apresentado um número na *Quaderni Storici* sobre o tema das percepções sobre o espaço, indicando para os diversos entendimentos (culturais, sociais, políticas e simbólicas) e possibilidades de análise sobre a dimensão espacial concreta nas pesquisas. Abordar o território enquanto esfera do agir das pessoas, grupos e instituições foi um aspecto que se destacou nas pesquisas que adotavam a perspectiva microanalítica. Nesse sentido, refletir sobre a relação entre o espaço local e sociedade através de uma abordagem topográfica possibilitava apreender as percepções sociais implicadas nas escolhas individuais e de grupos. As ações criavam regras e conformavam uma comunidade, uma vizinhança e um lugar. Essas são ideias que se desenvolveram no *Seminario Permanente di Storia Locale* através da proposta de Grendi, refletir sobre as maneiras de fazer história local e da comunidade, lançando uma convocação para que fosse repensada a própria experiência da micro-história. A relação entre as ações e os espaços — o lugar e território — não considerados em certas pesquisas, está na base da defesa que Grendi faz da necessidade da utilização da abordagem topográfica nas investigações. Entendia que, para os estudos locais, faltava uma sinergia entre os historiadores e os “especialistas do território”, conferindo aos primeiros um “analfabetismo visual”. Assim, para o desenvolvimento de uma nova história local, não bastava apenas a redução da escala de análise, mas uma atenção analítica para a dimensão territorial concreta.

Grendi defendia, portanto, que era a adoção de uma abordagem topográfica que possibilitava analisar de uma “maneira peculiar os processos de construção local das fontes, e de confrontar essas com a experiência visual” (Tigrino 2013, 214). No livro, *Storia di una storia locale*, Grendi (1996) debatia sobre a necessidade de constituição de um modelo analítico de história local, que considerasse a utilização de um método micro topográfico em relação ao estudo sobre comunidades (lugares), pessoas, percursos e famílias em diferentes perspectivas, locais, regionais e transnacionais.¹⁶ Assim, na proposta glandiana de elaboração de um “paradigma forte”, era fundamental a integração entre conhecimentos do território e a sociedade local. O espaço e a paisagem deviam ser estudados através de uma perspectiva histórica, que atentasse para as fontes,

¹⁶ Na década de 1990, a produção historiográfica de Edoardo Grendi cresceu em relação à década anterior, especialmente se considerar a publicação de outras duas obras, além da mencionada. Ver: Grendi (1993a; 1997).

métodos e problemáticas das disciplinas do ambiente. Grendi (1994) sugeria o cruzamento entre as pesquisas nos arquivos e àquelas realizadas sobre os espaços territoriais, porém, essa integração teve dificuldades para se concretizar, devido ao que chamou de “analfabetismo visual” dos historiadores.

Considerando o contexto internacional, a década de 1990 foi o momento do lançamento no Brasil do livro *Jogos de Escalas*, apenas dois anos depois da publicação na França, sob a organização de Jacques Revel (1998). Resultado de um seminário que havia reunido historiador(a)s e antropólogo(a)s para refletir sobre as escolhas metodológicas de reconstrução do social. A obra apresentava diferentes experiências historiográficas que tratam da relação entre as escalas — micro e macro — no estudo do universo microssocial de grupos em lugares diversos. No capítulo *Repensar a micro-história?*, Edoardo Grendi (1998) destacava que a perspectiva microanalítica se dividia em duas vertentes: a primeira estava ligada ao estudo de casos, com atenção para o entendimento dos contextos culturais, tendo como principal referência Carlo Ginzburg; já uma segunda, na qual estava inserido, se interessava pela reconstrução do universo relacional, dos vínculos interpessoais, buscando assim identificar escolhas, dinâmicas e sentidos conferidos a elas. Porém, essa divisão se encontrava ligada mais aos problemas de pesquisas dos diferentes historiadores, aos diálogos interdisciplinares, do que oposições em relação ao método de análise. Ambas defendiam a utilização de uma abordagem localizada e microscópica, que procurava fazer uma leitura aproximada, atenta e múltipla das diferentes tipologias de fontes.

Se os estudos sobre comunidade passam a se destacar, nem todos irão conferir atenção para o problema da constituição dos espaços locais através da análise das ações e práticas sociais diversas. O entendimento dos comportamentos e intenções, bem como valores socialmente compartilhados, serão avaliados através da sua relação intrínseca com o território e lugares onde ocorrem. Essa será uma das diferenças que irá marcar as investigações de um grupo de micro historiadores que se manterão próximos às ideias lançadas por Grendi. Além disso, num primeiro momento, a existência de certa hierarquia de relevâncias entre os aspectos sociais e culturais nas pesquisas vai ser apontada como um elemento que marcará a separação entre as pesquisas micro analíticas.¹⁷ Posteriormente, a defesa de uma não separação entre as decisões concretas e o universo cultural, bem como a necessidade de incluir nas investigações a perspectiva do ator social, será

¹⁷ Sobre as diferentes experiências historiográficas de micro-história, bem como dificuldade de conjugar as questões sociais e culturais, sem a imposição de uma hierarquia de relevância nas pesquisas, conferir: Torre (2023); Lima (2006; 2009).

reforçada nas investigações.¹⁸ Assim, o entendimento de que as ações informavam sobre valores, práticas, modos de pensar e viver, devendo ser analisadas através de uma abordagem topográfica, ganhou destaque na proposta de constituição de uma “paradigma forte” para uma nova história local.

A natureza reivindicativa das fontes: ação, direito e território

Enquanto as discussões sobre a micro-história italiana e seus diferentes modelos cresciam no debate historiografia internacional, especialmente devido à difusão das pesquisas de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, na *Quaderni Storici* o foco passou a ser na problemática da gênese dos espaços e das fontes. A defesa da abordagem topográfica na leitura das fontes (escritas e não escritas), atenta para o contexto de produção dos registros e sentido das ações, avançou através de novos estudos. No início dos anos 2000, a *Quaderni Storici* dedicou um número ao tema das “Práticas de território”, organizado por Angelo Torre.

As ideias glandianas tiveram influência direta nas pesquisas que refletiam sobre a consciência social do espaço e práticas implicadas na constituição dos lugares nos estudos micro analíticos. Como visto anteriormente, a proposição de uma nova história local também ganhou atenção quando o “terreno” adquire um protagonismo, não somente como dimensão concreta, um cenário, mas no âmbito da paisagem, que devia ser considerada como fundamental para compreender de maneira múltipla as fontes e diferentes ações. Os registros documentais não são entendidos como um reservatório de informações, ou ainda, um retrato da realidade e das dinâmicas sociais. Logo, o espaço geográfico, os recursos ambientais e as paisagens passaram a ser considerados como fundamentais para entendimento dos documentos, bem como abriram possibilidades de novos temas de pesquisa, onde ganhava destaque o entrelaçamento entre fontes escritas e visuais.¹⁹

Depois da morte repentina de Edoardo Grendi, no final da década de 1990, seria lançado um número da *Quaderni Storici* em lembrança ao historiador. Na referida revista, o tema da dimensão territorial e das práticas de produção dos lugares é discutido por Angelo Torre (2002), no artigo intitulado *La produzione storica dei luoghi*. A proposta apresentada não tratava a comunidade, o lugar, de forma reducionista, funcionalista e metafórica, mas como resultado de contínuos processos sociais e culturais de definição dos espaços locais.²⁰ Uma leitura contextualizada topograficamente dos documentos garantiria a apreensão de dimensões inéditas das dinâmicas de poder local, defesa

¹⁸ Sobre as relações sociais e universo cultural na micro-história italiana, ver: Cerutti (2021).

¹⁹ Conferir: Diego Moreno (2018); Angelo Torre (2021); Roberta Cevasco e Vittorio Tigrino (2008).

²⁰ Para uma análise mais minuciosa das pesquisas de Angelo Torre, conferir: Torre (2023); Vendrame (2023).

de prerrogativas e constituições dos diferentes territórios. Desse modo, atentar para a relação entre ação, jurisdição e cultura, através de uma análise espacial das fontes, é tomada como caminho para perceber como, através de rituais e comportamentos religiosos, os espaços iam se constituindo. A produção contínua dos lugares através de devoções, conflitos e rituais é um tema tratado por Angelo Torre (2007), conforme artigo intitulado *La genese dello Spazio*.²¹ Entende-se que o referido autor conferiu atenção para algumas das ideias glandianas, tomando a conformação social dos espaços como um dos problemas de pesquisa. Avançou ao pesquisar a relação entre diferentes práticas, dinâmicas territoriais, rituais, relações políticas e materiais na constituição permanente dos lugares.

A ligação entre escolhas (individuais e coletivas), rituais religiosos, estruturas de poderes locais, mecanismos de legitimação de posses e conformação da dimensão espacial, passam, portanto, a serem investigadas através do cruzamento entre fontes diferentes, como as religiosas, administrativas, judiciais, etc. O interesse pelos temas da localidade e produção dos lugares se voltou para a compreensão da relação contínua entre ações, práticas e direitos, bem como a relação entre diferentes esferas, econômica, social, religiosa, política, cultural, ou seja, entre patrimônio material e imaterial. Além dos aspectos ligados ao universo do sagrado, a presença de tensões territoriais constantes marcou as separações entre pequenos assentamentos e a defesa de direitos diversos num determinado espaço. Mapear a “topografia dos direitos” foi necessário para perceber como se dava os entrelaçamentos de poderes, entre comunidades, grupos e realidades externas, e quais comportamentos garantiam vantagens e recursos locais (Torre 2009).

Com a adoção da escala local/topográfica era possível a realização de uma leitura realista, holística, conectada e complexa dos modos de interação, saberes, relações e poderes existente localmente. O entendimento de que a legitimação de práticas sociais estava na base de criação de certos registros documentais, permitia entender o uso prático dos recursos oficiais e das instituições públicas (Torre 2020). Assim, os direitos locais eram construídos através de ações na realidade concreta, que, após serem registradas e transcritas — a exemplos dos atos presentes nos registros judiciais —, validavam benefícios variados. Mas fazer emergir os sentidos produzidos pelos diferentes registros e os usos que as pessoas faziam deles, a exemplo dos mapas, demandava uma atenção para os indícios percebidos no “terreno” para compreensão mais completa das imagens e as práticas sociais (Raggio 2001).

²¹ A temática da produção dos lugares irá ganhar atenção nas pesquisas de Angelo Torre, resultando na publicação da obra *Luoghi* (Torre 2011).

Com a adoção de uma perspectiva localizada e espacializada, os documentos não são entendidos como expressão de determinações objetivas, mas como indicadores de intenções ocultas. Isso porque todo o tipo de ação é dotada de intencionalidade, logo, aponta para realidades ao mesmo tempo que também as produzem.²² Para a apreensão dos propósitos subjetivos que estão por trás de atos e práticas que viabilizam o surgimento de uma fonte, é necessário a realização de uma leitura aproximada, a partir de dentro, que considera a dimensão topográfica, bem como os sentidos conferidos pelos próprios atores sociais.²³ E toda e qualquer generalização deve, portanto, ocorrer sem sacrificar as especificidades, mas surgir das perguntas elaboradas a partir do que é decifrado das fontes e contextos acessados (Torre 2023, 186).

O crescente interesse pelos processos de constituições dos espaços, dinâmicas e práticas que conformavam as localidades se ligava à proposta de “nova história local” que emergiu dos debates sobre micro-história, não esgotados e/ou encerrados na *Quaderni Storici*. Como mencionado anteriormente, a abordagem topográfica, através de uma escala localizada atenta para os vínculos existentes entre a sociedade e os recursos ambientais, confere destaque para a dimensão espacial na leitura das fontes. Esses aspectos constituem os procedimentos metodológicos dos novos estudos sobre localidades e comunidades.

Entre as reflexões realizadas pela micro-história, atenta para o universo social e relacional desde os anos de 1970, somada a maior atenção que a dimensão topográfica irá ganhar nas pesquisas glandiana, foi ganhando importância o diálogo entre uma história (local) e a ecologia histórica. Um exemplo dessa aproximação é o livro de Diego Moreno (1990), intitulado *Do documento ao terreno. Storia e archeologia dei sistemi agro-silvo-pastorali*. Através do entrelaçamento entre fontes de natureza variada, o estudo reconstrói as práticas históricas de gestão e ativação dos recursos ambientais em espaços rurais específicos. Com a utilização de uma abordagem que articula áreas diferentes, os registros documentais são analisados de maneira contextualizada na escala local, sendo os indícios e fragmentos particulares tomados como indicadores da relação entre ações humanas, saberes e o ambiente agroflorestal-pastoril (Torre 2008).

A proposta de uma “nova história local”, que adota uma leitura topográfica, faz emergir todo um conhecimento sobre recursos ambientais, sua ativação e configurações sociais espaciais. O problema da existência de um dualismo entre ecologia e história é superado com um novo entendimento sobre as “fontes de terreno”, como solo, vegetação e outros recursos naturais, bem como os usos e gestão do patrimônio ambiental. Assim, a paisagem rural, enquanto fruto de um

²² Para aprofundamento sobre essa discussão, conferir: Cerutti (2021); Vendrame (2023a).

²³ Sobre a importância da análise interna “êmica” e “ética” nas pesquisas micro analíticas, ver contribuições de Cerutti e Grangaud (2023).

processo histórico, é abordada numa escala local, através da perspectiva microanalítica e da leitura topográfica, o que possibilita apreender práticas extintas através de “traços” conservados no ambiente, seja no solo ou vegetação, bem como na documentação escrita (Cevasco 2013).²⁴ O espaço ambiental e os seus recursos naturais/vegetais podem ser compreendidos na sua complexa dimensão histórica, social e cultural. A maneira como cada grupo se relaciona com o ambiente, o transforma, garante através de determinados comportamentos direitos sobre a vegetação, os rios e terras, é algo possível de ser investigado através do uso de fontes de natureza diversas, escritas e visuais. É igualmente uma maneira de analisar o material, mas também de compreender os sentidos que as ações e práticas sociais assumem localmente.

O mapeamento das intenções que os atos escondem permitem refletir sobre a constituição e/ou existência de espaços de direitos. A relação entre as pessoas, os recursos ambientais e as instituições possuem implicações nos processos de produção dos territórios. Para garantir prerrogativas e legitimar privilégios locais, as pessoas fazem uso de diferentes mecanismos, como o da denúncia pública e uso da justiça do Estado. A análise de conflitos, práticas violentas e punitivas através da documentação criminal possibilitam compreender as dinâmicas que viabilizam a constituição de lugares, marcados por privilégios, formas de domínio e benefícios variados. Para isso, é necessário atentar para os sentidos que determinadas ações assumem para quem faz uso dos mecanismos oficiais do Estado.²⁵ Os direitos sobre os recursos ambientais e respeito a maneiras de viver e se relacionar sobre um determinado espaço não são dados, mas, sim, produzidos, legitimados e disputados cotidianamente através das interações sociais, comportamentos e práticas que se expressam numa dimensão espacial concreta.

As atividades produtivas, comerciais, religiosas²⁶ e, como mencionado acima, as relações que as pessoas mantêm com a justiça do Estado apontam para as maneiras como ocorre a construção de domínios territoriais marcados por uma “topografia de direitos” (Giana 2011). O reforço de atos e normas que garantiam o estabelecimento de estruturas de poder territorial passavam pela legitimidade conferida pelas instituições públicas. Essas legitimavam direitos demandados, conferiam cidadania, reforçavam hierarquias e identidades locais, algo que pode ser analisado através do uso que as pessoas faziam dos mecanismos oficiais de justiça. Analisar as ações na sua dimensão local permite perceber como toda uma “geografia de direitos” é legitimada,

²⁴ A obra Memória Verde, de Roberta Cevasco (2007), é um exemplo da aplicação do método da microanálise geográfica-histórica levada para outros campos de estudo, como aquele que permite compreender como as populações que viviam em áreas de montanha na Europa interagiram com o bioma e recursos ambientais.

²⁵ Conferir: Vendrame (2020; 2023a).

²⁶ Conferir: Torre (2007; 2011).

construída, definindo lugares de prerrogativas através da relação entre indivíduos, grupos e o tribunal.

A utilização da perspectiva microanalítica, atenta a uma leitura topográfica das fontes e sentidos que determinados mecanismos públicos assumiam, vem sendo utilizada em pesquisas mais recentes que centram a atenção na maneira como os imigrantes europeus no sul do Brasil, no século XIX, relacionavam-se com o Estado brasileiro. Através de ações variadas, como a da defesa de recursos ambientais, da propriedade das terras, das devoções e rituais locais, é que se constituem as legitimidades territoriais e os lugares imigrantes, marcados por direitos e maneiras de viver, interagir e pensar (Vendrame 2023). Pensar a problemática da constituição dos lugares implica refletir diretamente sobre as intenções que cada decisão esconde, bem como a capacidade dos atores sociais de criar e/ou reforçar direitos e poder territorial.

A atenção para a dimensão espacial na análise das fontes judiciais aponta não apenas para novas problemáticas sobre sociedades camponesas que se formaram no Brasil, bem como promove renovação nos estudos migratórios ao conferir atenção para as escolhas e dinâmicas sociais que garantiam a constituição de direitos territoriais, cidadania e produção dos lugares imigrantes. Os registros documentais não apenas refletem tensões locais, mas são, em si mesmos, produtos de estratégias de afirmação e de resistência, elaborados para intervir e reconfigurar realidades concretas.

Considerações finais

A preocupação com a compreensão das dinâmicas de produção dos territórios assumiu importância nos diálogos entre a história e outras áreas disciplinares que estudavam os recursos ambientais. Isso pode ser constatado através das publicações na *Quaderni Storici* e do grupo ligado ao *Seminario Permanente de Storia locale* (SPSL), onde o diálogo com a *Local History* inglesa e a ecologia histórica ganhou destaque. Enquanto a micro-história italiana ganhava espaço no cenário historiográfico internacional — na França e em países da América —, devido às trajetórias individuais de seus principais expoentes, na Itália, em torno de Edoardo Grendi, se desenvolveram as discussões sobre a multiplicidade de leitura das fontes e atenção para a dimensão espacial, além dá reflexão sobre a proposição de um novo modelo de história local.

Durante a década de 1990²⁷, os debates sobre os diálogos entre ecologia histórica, micro-história e a história local, com sua atenção topográfica e preocupação em compreender os processos de inserção socioespacial, chamaram atenção para o problema da produção das fontes.

²⁷ É preciso também considerar que a ênfase para o espaço no debate historiográfico internacional dos anos 90 do século XX se ligada ao *Spacial Turn* (Giro Espacial).

A interpretação delas deveria ocorrer através da adoção do “método topográfico” (Torre 2008), algo que até então não tinha assumido relevância nas pesquisas micro analíticas que centravam seus esforços na relação entre família, parentela, comunidade e Estado. Enquanto campo de investigação socioespacial, a escala topográfica/local se revelou como fundamental para repensar a relação entre o homem, o ambiente e território, bem como propunha novas formas de leitura de práticas e saberes, que através de uma escala reduzida apontavam para os complexos mecanismos de construção das identidades e dos direitos territoriais.

A intensificação dos debates a partir da década de 1990 em torno da *Quaderni Storici* e do grupo ligado a Edoardo Grendi sobre o uso das fontes e sua capacidade não apenas de descrever a realidade social, mas de revelar como ela era pensada e construída, foi fundamental para uma virada epistemológica nos estudos microanalíticos. Mais do que simplesmente desvelar um universo sociocultural preexistente, os documentos eram compreendidos como elementos ativos na constituição dos contextos, revelando incertezas e embates. A dimensão territorial, por sua vez, passou a ser entendida como espaço permeado por sentidos, disputas e negociações — uma construção social em constante elaboração. Fontes judiciais, religiosas e administrativas desempenharam papel crucial nesse processo, legitimando conflitos e direitos. Desse modo, a micro-história, atenta à complexidade dos contextos locais, ofereceu instrumentos analíticos para captar as dinâmicas de produção dos registros, seu uso pragmático e a forma como ações e experiências sociais constituem lugares de cidadania e poder.²⁸ Reconhecer a natureza reivindicativa dos documentos e sua inscrição territorial não apenas enriqueceu a compreensão dos fenômenos históricos, mas também reforçou o caráter experimental da microanálise.

Na Itália, as discussões em torno de Edoardo Grendi, bem como as contribuições de outros pesquisadores, trouxeram à tona a multiplicidade de leituras das fontes e a atenção à dimensão espacial, além de refletirem também sobre a proposição de um novo modelo de história local. Conclui-se, portanto, que a abordagem microanalítica socioespacial — sensível aos mecanismos de produção dos espaços, às práticas e saberes locais — permanece uma perspectiva fecunda e crítica para a pesquisa histórica, abrindo novas possibilidades de interpretação documental, temas de pesquisa e compreensão dos múltiplos sentidos das ações sociais em realidades concretas.

Referências Bibliográficas:

“Boschi: storia e archeologia”. *Quaderni Storici*, 17, n. 49, 1982.

²⁸ Em relação a essas ideias, destacam-se as ideias de autores como Simone Cerruti (2021), Angelo Torre (2023). Conferir: Cerutti; Grangaud (2023) e Raggio e Torre (2004).

- Cerutti, Simona. “Microstoria: relações sociais versus modelos culturais? Algumas reflexões sobre estereótipos e práticas históricas”. Em: *Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana*, org. Deivy Ferreira Carneiro e Maíra Vendrame, 39-58. Rio de Janeiro: FGV, 2021.
- Cerutti, Simona, e Isabelle Grangaud. “Fontes e contextualizações: comparando instituições no norte africano e oeste europeu do século XVIII”. Em: *Territórios da história: o micro, o local e o global*, org. Maíra Ines Vendrame e Alexandre Karsburg, 79-118. São Paulo: Alameda, 2023.
- Cevasco, Roberta. *Memória Verde. Nuovi spazi per la geografia*. Regio Emilia, Italia: Edizioni Diabasis, 2007.
- Cevasco, Roberta. “Sulla “rugosità” del paesaggio”. *Études de lettres*, Université de Lausanne, 2013: 1-21.
- Cevasco, Roberta, e Vittorio Tigrino. “Lo spazio geografico concreto: una discussione tra storia politico-sociale ed ecologia storica”. *Quaderni Storici*, 127, 2008: 207-242.
- Cevasco, Roberta, e Diego Moreno. “Sulla geograficità della ecologia storica: contributi di Massimo Quaini”. *Territori*, 33, Firenze University Press, (2021): 245-258.
- “Conflitti locali e idiomi politici”. *Quaderni storici*, 21, n. 63, 1986.
- “Culture del lavoro”. *Quaderni Storici*, 16, n. 47, 1981.
- “Famiglie e patrimoni”. *Quaderni Storici*, 23, n. 67, 1988.
- Fazio, Ida. “Storia delle donne e microstoria”. Em: *Donne potere religione. Studi per Sara Cabibbo*, eds. M. Caffiero, M. Donato, e G. Fiume., 81-94. Milan: Franco Angeli, 2017.
- Giana, Luca. *Topografia dei diritti. Istituzioni e territorio nella Repubblica di Genova*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, 2011.
- Grendi, Edoardo. “Premessa, A proposito di “familia e comunità”. *Quaderni Storici*, 11, n. 33, (1976): 881-889.
- Grendi, Edoardo. “Microanalise e storia sociale”. *Quaderni Storici*, 12, n. 35, (1977): 506-520.
- Grendi, Edoardo. “Per lo studio della storia criminale”. *Quaderni Storici*, 15, n. 44 (2), 1980: 580.
- Grendi, Edoardo. “La pratica dei confini: Mioglia contro Sassello, 1715- 1745”. *Quaderni storici*, 63, n.3, (1986): 811-845.
- Grendi, Edoardo. *Il disegno e la coscienza sociale dello spazio: dalle carte archivistiche genovesi*, in Studi in onore di Teofilo Ossian De Negri, III, Genova 1986a: 14-33.
- Grendi, Edoardo. “Premessa, Fonti criminali e storia sociale”. *Quaderni storici*, 22, n. 66 (3), (1987): 695-700.
- Grendi, Edoardo. “Storia de una storia locale. Perché in Liguria (e in Italia) non abbiamo avuto una Local History?”. *Quaderni Storici*, 28, n. 82, (1993): 141-197.
- Grendi, Edoardo. *Il Cervo e la repubblica: il modello ligure di antico regime*. Torino: Einaudi, 1993a.
- Grendi, Edoardo. “Storia locale e storia delle comunità”. Em: *Fra storia e storigrafia*, org. Paolo Marcy e Angelo Massafra (a cura di), 321-336. Bologna, Il Mulino, 1994.
- Grendi, Edoardo. “Charles Phythian Adam e la ‘Local History’ inglese”. *Quaderni Storici*, 30, n. 89, (1995): 559-578.
- Grendi, Edoardo. *Storia di uma storia locale. L’esperienza ligure (1792-1992)*. Veneza: Marsilio, 1996.

- Grendi, Edoardo. *I Balbi: una famiglia genovese fra Spagna e Impero*. Torino: Einaudi, 1997.
- Grendi, Edoardo. “Repensar a micro-história?”. Em: *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*, org. Jacques Revel, 251-262. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- Gribaudi, Maurizio. *Mondo operaio e mito operaio. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo Novecento*. Torino: Einaudi, 1987.
- Levi, Giovanni. “Introduction”. *Villaggi: Studi di antropologia storica. Quaderni Storici*, 16, n. 46 (1), (1981): 7-10.
- Levi, Giovanni. *Centro e periferia di uno Stato assoluto. Tre saggi su Piemonte e Liguria in età moderna*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1985.
- Lima, Henrique Espada. “E. P. Thompson e a micro-história: trocas historiográficas na seara da história social”. *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, n. 11(12), (2004): 53-74.
- Lima, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Lima, Henrique Espada. “Pensando as transformações e a recepção da microstoria no debate histórico hoje”. Em: *Exercícios de micro-história*, org. Mônica Ribeiro Oliveira e Carla Maria Ribeiro, 131-154. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.
- “L’importanza della seta.” *Quaderni Storici*, 25, n. 73, 1990.
- Montanari, Carlo, Maria Angela Guido(a cura di) e, Diego Moreno. *Dal documento al terreno. Storia e archeologia dei sistemi agro-silvo-pastorali*. Genova: University Press, 2018.
- Moreno, Diego, e Massimo Quaini. “Per la storia delle ‘culture materiali’: dall’archeologia alla geografia storia”. *Quaderni Storici*, 8, n. 24 (3), (1973): 689-690.
- Moreno, Diego, e Massimo Quaini. “Premessa”. *Boschi: storia e archeologia. Quaderni storici*, 17, n. 49 (1), (1982): 7-15.
- Moreno, Diego, e Massimo Quaini. *Do documento ao terreno. Storia e archeologia dei sistemi agro-silvo-pastorali*. Bologna: Mulino, 1990.
- “Parto e maternità: momenti della biografia femminile”. *Quaderni Storici*, 15, n. 44, 1980
- “Percezione dello spazio.” *Quaderni Storici*, 30, n. 90, 1995.
- “Protoindustria”. *Quaderni Storici*, 18, n. 52, 1983.
- Raggio, Osvaldo. *Faida e parentele. Lo stato genovese visto dalla Fontanabuona*. Torino: Einaudi Editore, 1990.
- Raggio, Osvaldo. “Norme e pratiche. Gli statuti campestri come fonti per una storia locale”. *Quaderni Storici*, 30, n. 88, (1995): 155-194.
- Raggio, Osvaldo. “Immagini e verità pratiche sociali, fatti giurici e tecniche cartografiche”. *Quaderni Storici*, 36, n. 108, (2001): 843-876.
- Raggio, Osvaldo. “Costruzione delle fonti e prova: testimoniali, possesso e giurisdizione”. *Quaderni Storici*, 31, n. 9, (1996): 135-156.
- Raggio, Osvaldo, e Angelo Torre. “Prefazione”. Em: *Edoardo Grendi. In altri termini. Etnografia e storia di una società di antigo regime*, org. Osvaldo Raggio e Angelo Torre (a cura di), 5-37. Milano: Feltrinelli, 2004.
- Ramella, Franco. *Terra e telai: sistemi di parentela e manifattura nel Biellese dell’Ottocento*. Torino: Einaudi, 1984.

- Revel, Jacques (org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- “Sistemi di carità: sposti e internati nella società di antico regime”. *Quaderni Storici*, 18, n. 53, 1983a.
- Thompson, Edward, e Edoardo Grendi. *Società patrizia, cultura plebea. Otto saggi di antropologia storica sull'Inghilterra del Settecento*. Turim: Enaudi, 1981.
- Tigrino, Vittorio. “Storia di un Seminario di Storia locale. Edoardo Grendi e il Seminario permanente di Genova (1989- 1999)”. Em: *La natura della montagna: scritti in ricordo di Giuseppina Poggi*, org. Roberta Cevasco, 211-232. Sestri Levante: Oltre Ed., 2013.
- Torre, Angelo. “Percorsi della pratica 1966-1995”. *Quaderni Storici*, 30, n. 90, (1995): 799-829.
- Torre, Angelo. “La produzione storica dei luoghi”. *Quaderni Storici*, 37, n. 110, (2002): 443-475.
- Torre, Angelo. “La genesi dello spazio: il miracolo dell'ostia (Asti, 10 maggio 1718)”. *Quaderni Storici*, 42, n. 125, (2007): 355-392.
- Torre, Angelo. “Terre separate e immunità nel Piemonte di Età Moderna”. *Quaderni Storici*, 14, n. 131, (2009): 461-492.
- Torre, Angelo. *Luoghi. La produzione di località in età moderna e contemporanea*. Roma: Donzelli Editore, 2011.
- Torre, Angelo. “Tra storia ed ecologia storica: villaggi, frazioni e cantoni nell'Ossola inferiore del secolo XVIII”. Em: *Dal documento al terreno. Storia e archeologia dei sistemi agro-silvo-pastorali*, org. Carlo Montanari, Maria Angela Guido (a cura di) e Diego Moreno, 361-370. Genova: Genova University Press, 2018.
- Torre, Angelo. “A produção histórica dos lugares”. Em: *Micro-história, um método em transformação*, org. Maíra Ines Vendrame e Alexandre Karsburg, 179-212. São Paulo: Letra&Voz, 2020.
- Torre, Angelo. “Comunidade e localidade”. Em: *Territórios da história. O micro, o local e o global*, org. Maíra Ines Vendrame e Alexandre Karsburg, 147-158. São Paulo: Alameda, 2023.
- Vendrame, Maíra Ines. *O poder na Aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália)*. São Leopoldo: Oikos, 2016.
- Vendrame, Maíra Ines. *Power in the village. Social networks, honor and justice among immigrant families from Italy to Brazil*. Microhistories Serie, London & New York, Routledge, 2020.
- Vendrame, Maíra Ines. A produção social dos lugares. Em: *Territórios da história. O micro, o local e o global*, org. Maíra Ines Vendrame e Alexandre Karsburg, 187-222. São Paulo: Alameda, 2023.
- Vendrame, Maíra Ines. “Território imigrante: práticas de justiça, direitos e poder no Brasil meridional (séculos XIX e XX)”. *Anuario IEHS*, 38, n. 2, (2023a): 59-79.
- “Villagi: Studi di antropologia”. *Quaderni Storici*. 16, n. 46, 1981.
- Wickham, Chris. “Edoardo Grendi e la cultura materiale”. *Quaderni Storici*, 110, n. 2, (2002): 323-331.

Recebido: 05 de maio de 2025

Aprovado: 10 de junho de 2025